



Lord Brougham

## I

Nas instituições inglezas, tão dignas de ser admiradas por todos os homens sinceramente liberaes, ha comtudo vicios de origem, que as prejudicam bastante, que tem sido causa, talvez, dos innumerados embaraços com que o progresso britânico lucha a cada passo, mas que não impedem ainda assim a Inglaterra de conservar o seu posto na vanguarda do exercito da civilisação.

Não exijâmos dos homens nem das nações uma perfeição impossivel. Predicados contrarios não se podem reunir no espirito de um homem nem no espirito de um povo. O inglez é energico, mas lento. As suas conquistas prepara-as muito de antemão, mas conserva-as. Lord Wellington é, talvez,

o homem, em que o espirito methodico melhor se personalisa. Não avança muito, mas não desce; não concebe um plano audacioso, não percorre o mundo com passos de gigante, não se eleva aos céos, mas não desaba no precipicio, não sente faltar-lhe o mundo debaixo dos pés, e cauteloso, prosaico, rasteiro mesmo se quizerem, consegue os resultados que a Providencia nega ao genio audacioso que ousa transpôr a esphera, onde se deve conter o pensamento humano.

A Inglaterra é assim em tudo; e será pouco menor o contraste entre Napoleão o genio ardentissimo, e Wellington o frigido talento, do que entre a França a grande evangelista dos povos e a Inglaterra a profunda egoista, que, apesar disso,



não é inútil a causa da civilização europeia, porque, se não lhe abre vastíssimos horisontes resplendentes de purpura e de ouro, traça-lhe pelo menos o caminho seguro por onde pôde avançar sem temer os precipícios. A França é a iniciadora sublime, a Inglaterra o guia prudente. Seguindo-se aquella alcançam-se grandes resultados, e soffrem-se grandes desastres; seguindo-se esta, conquista-se pouco, mas conquista-se com segurança. A Inglaterra, lentamente, em silencio, sem querer por fórma alguma as honras nem os perigos de propagandista, foi conquistando primeiro a Magna Carta, depois a Constituição de 1688. Não era muito ainda; a França, num só vôo das suas possantes azas, transpoz todos os limites, deixou a perder de vista a Inglaterra, e levou na sua esphera de attracção a Europa. A Inglaterra deixou-a ir, e continuou pacificamente o seu systema de pequenas reformas. Enquanto a Convenção Nacional transtornava completamente o edificio do antigo regimen, a Inglaterra, com o seu tranquillo parlamento, demolia uma parede velha, e esperava.

Em 1815 a Europa gemia debaixo dum jugo pouco menos pesado do que em 1788. A Inglaterra via com a mesma indifferença o continente voltar envergonhado á sua retaguarda. As revoluções ultra-democraticas e as reacções ultra-despoticas continuaram na Europa, e, no fim de todas essas luctas sangrentas, podemos dizer hoje, em 1867, que estamos uma pollegada mais adiantados do que a Inglaterra na estadio da civilização?

É porque se as instituições na Inglaterra são quasi immoveis, em compensação o espirito dos legisladores é largo e profundo, e faz circular a vida por baixo desses codigos de marmore. Assim não ha uma só lei na Inglaterra, que, por mais antiquada que seja, não offereça ampla interpretação para as modificações progressistas. As instituições donde parecia dever resultar a immobilitade são pelo contrario elementos de progresso. A letra na Inglaterra não mata o espirito, o espirito, pelo contrario, executa, por traz dessa cortina ficticia, todas as suas evoluções. É como a cabelleira tradicional, que ainda hoje é o distinctivo da dignidade do lord-chancellor, e que tem, comtudo, abrigado a frente vasta dos pensadores mais rasgadamente progressistas da Europa, entre os quaes devemos contar em primeira linha o homem que biographamos, lord Brougham.

Assim, quem observa superficialmente a constituição da Grã-Bretanha, encontra nella todas as fórmas da mais desenfreada oligarchia, e suppõe que terá o seu governo todas as detestaveis condições do governo de Veneza. Engana-se comtudo; a aristocracia da republica italiana formava uma casta desdenhosamente exclusiva, e encerrava-se cuidadosamente nos limites do *Livro d'Ouro*. A aristocracia ingleza, pelo contrario, apesar das suas apparencias orgulhosas e do seu despotismo feudal, se infelizmente se oppõe ainda ás reformas amplamente liberaes, que o partido popular não cessa de exigir, abre, comtudo, de par em par,

as suas portas a todas as intelligencias, a todas as influencias, a todas as capacidades, e constantemente revivificada por esse novo sangue que reflue do povo para a classe media, da classe media para a nobreza, forma uma classe esclarecida, guia e moderadora, mas não inimiga do movimento civilizador, e que, se tem impedido a Inglaterra de alcançar de uma vez todas as emancipações, todas as garantias a que tem direito, não deixou, comtudo, nunca de exercer a sua influencia no sentido illustrado.

Um dos exemplos desta facilidade, com que a aristocracia ingleza acolhe todos os talentos seja qual fôr o seu ponto de partida, é o homem cujo retrato apresentamos aos leitores do *Panorama*, e que tanto com o simples nome e a simples influencia de Mr. Brougham, distincto orador da camara baixa, como com o pomposo nome e a autoridade de lord Brougham, chancellor e presidente da camara alta, não cessou de ser advogado constante da causa liberal em todas as suas manifestações.

M. PINHEIRO CHAGAS.

(Continúa.)

## A GALATÉA MODERNA

(Vid. pag. 30)

XV

Em Lisboa

Estamos em Lisboa. Corre o mez de dezembro. Ao outomno, á estação das melancolias dolentes que o mesmo bulicio das cidades não pôde affugentar, succede o inverno, o decrepito ancião, acurvado, tremulo, como o pintavam os antigos, garrido, loução, como se nos afigura a nós, os filhos do progresso. O inverno, que é triste e grave no campo, com as suas chuvas, neblinas e granisos, com a candura das neves, com as arvores nuas, com os relvados scintillantes e verdes a mirarem-se nas aguas, é na cidade buliçoso, farfante, amigo de folganças e bailes.

Esse recato do lar, esse mysterio da familia, que se conchega e abafa junto do brazido; esse seroar á luz tibia e frouxa dos velhos candieiros de latão, esse recontar passadas historias dos tempos antigos, daquelles tempos em que os avoengos viveram e sentiram e amaram; essa harmonia caseira, musica dulcissima, hymno arrebatador da paz domestica; essa poesia das tradições e das lendas abraçada com o presente, com os cuidados de cada dia, com a lida de hontem, com a lavoura de amanhã: nada disso encontrareis aqui, nesta Lisboa lamacenta, cujas ruas são por ventura mais crapulosas do que o interior de muitas casas.

O serão! Como encontral-o aqui, nesta Babylonia ridicula, nesta Pariz esfarrapada?

O serão! Quem ousaria seroar aqui? Pois não estão abertos os theatros e os salões durante o inverno? Muita gente não entra nesses dominios do mundo elegante, nessa atmosphaera superior; mas quem não pôde ascender ás altas regiões, contenta-se com angariar o proximo, e parodia na propria



ou alheia casa o baile, a festa, o jantar do rico negociante, ou do fidalgo de nobre linhagem, feito villão... e dos mais ruins, ou do villão feito homem por obra e graça de Satanaz, ou do conselheiro-fabricante, ou do fabricante de conselheiros.

Dessa ancia vaidosa e ridicula de parecer opulento aos olhos dos visinhos nascem as miserias douradas, as miserias do chá fervido sete vezes, de que falla Tolentino, porque o vicio é antigo; as miserias com que folga a adella e o ferro velho, e geme a tenda e a confeitaria.

Se aquelle profundo Balzac, que descortinou tanta hypocrisia e descubriu tanta mascara dolorosa, conhecesse Lisboa, que eloquentes e terriveis estudos não fizera! Que pustulas domesticas, que ulceras incuraveis não mostrára!

Quando um povo envelhece e está prestes da queda alevanta-se a hydra da hypocrisia faustora e vae lançando a baba infesta em todas as familias.

Se um demonio bem infernal e bem tisnado subisse a uma das torres desses innumerados conventos, que povoaram outr'ora Lisboa, e visse os dramas intimos, as comedias descabelladas, as farças ridiculas que por ahí se passam em todas as casas desde a loja humida, subterranea, tenebrosa, até a agua-furtada cambaleante, abafadica, achatada, soltára uma dessas gargalhadas fatidicas, que resoam sinistramente e eccoam nos ouvidos como o derradeiro insulto.

Mas deixemos este assumpto espinhoso. Cancros não se curam, quando se implantam no coração. Morre-se delles. E demais, assumptos destes requerem mais largueza e desaffogo, e sobretudo um talento especial. Aos medicos sociaes incumbe esse trabalho improbo e repugnante.

Estamos, pois, em Lisboa, e corre o mez de dezembro. O dia é formoso e limpido. Não ha uma nuvem por diaphana que seja, que tolde a suprema serenidade da atmospheria.

A magnifica bahia do Tejo é tranquillada e azul como um grande lago. Os navios estão-se mirando nas aguas..

O sol dardejava docemente.

Eram duas horas da tarde. Um *coupé*, tirado por dois magnificos baios *demi-sang*, como usam fallar agora os endinheirados, parava á porta de um palacete situado em uma das melhores ruas de Buenos-Ayres.

Do *coupé* saio um rapaz, que saltou ligeiro como quem não lhe pesam annos nem cuidados.

— A senhora baroneza do Alpedral, perguntou elle a um criado.

— Está visivel.

— Diga-lhe que Alfredo de Mello pede a honra de lhe fallar.

Alfredo, o heroe da nossa historia, entrou logo depois em uma sala mobilada ricamente, toda tapetada e guarneçada de bellos *fauteuils chéne-antique* etc. etc. etc., cuja descripção minuciosa, enfadonha e inintelligivel eu poupo ao leitor, porque de certo a faria muito melhor do que eu,

que sou infinitamente desestrado nestas nomenclaturas hybridas e mescladas de torpissimos gallicismos.

Alfredo não esperou cinco minutos. Abriu-se um reposteiro e appareceu a baroneza, que tambem é já nossa conhecida, se bem que então contasse alguns annos de menos e menos algumas camadas adirosas, cousa que muito elegante e formosa a tornava.

— Até que enfim! exclamou a baroneza, vendo Alfredo e apertando-lhe a mão. Já era tempo de visitar amigos velhos. Não se desculpe, porque não pôde desculpar-se. Sente-se e conte-me o que tem feito. Provavelmente nunca mais pensou em mim... na minha familia, queria dizer.

— Perdão! Um momento de descanso, para me entregar ao prazer de a contemplar.

— Agradeço... e retribuo. Mas o que fez? Aonde esteve? Porque se demorou tanto? Porque não veio mais cedo? A que bom anjo devo a sua inesperada visita? Responda. Já vê que sou implacavelmente inquisitorial. Quero saber tudo.

— E tudo ha de saber. Descance. A vida do justo é transparente como um lago.

— O lago tem ás vezes as suas tormentas...

— E o lodo vem ao de cima. Bem sei. Mas passado pouco tudo fica em repouso. Antes de começar, diga-me primeiro o que fez durante esta ausencia de dois annos.

— Machiavel! — Porque não é franco? Para que seguir rodeios...

— Palavra de honra, senhora baroneza. Estou em admiraveis disposições. A doença não foi grave. Devaneios, quem os não tem? As campinas astarlicas são ridentes. Todos borboleteamos por lá. Mas correm annos, e veem desenganos.

— Dou-me por vencida, tornou a baroneza fixando amoravelmente Alfredo, que se sentio como que enredado naquelle olhar tão voluptuoso, tão cheio de risonhas promessas, que a propria Venus invejára, para tentar Jupiter.

— Eu começo, proseguio ella, envolvendo-se, ou antes enroscando-se nos arminhos, que dispoz artisticamente, deixando entrever o mimo, a elegancia, o formoso arredondado do seu corpo. Eu começo. Quando cheguei ao solar do nosso velho morgado e amigo, levando em minha companhia o moço visconde, que estava horripelmente namorado de Violante, como um heroe do Tasso no jardim da bella Armida, já o não encontrei. Tinha-o julgado de caracter mais forte, para affrontar o visconde e lutar com elle.

— Deus me livre! Essas luctas só se travam com os maridos, porque a victoria é possivel, respondeu Alfredo maliciosamente.

— Assim diz Balzac, ou pelo menos devia dizel-o. Mas o que é certo é que eu pensei no ruim papel, que ia representar, levando-lhe um rival, que estava louco de amor, tão louco, que se namorára vendo um retrato della, e lendo uma carta. Já vê que era um rival temivel.

— Tão terrivel, que fugi delle.

— Fracos brios tem; se por ventura o seu amor



fosse verdadeiro, e se a sua paixão lhe escaldasse o peito...

— Oh! minha senhora, paixões assim nem já os poetas as phantasiavam, quanto mais os prosaicos de agora que amam... a contento.

Que theorias! Que horrivel perfidia! E ainda se ri. E comtudo faz bem. Já que o amor é o capricho...

— Sempre o foi... ou o desejo. Alcibiades amou assim, e olhe que este famoso atheniense amava mais o seu cão do que a propria Aspasia.

— Que horror!

— Pois na Grecia era assim o amor. Sophocles e Eschylo não o pintaram de outro modo. Em Roma de igual sorte praticaram Ovidio e Horacio. De Virgilio não fallo, porque esse não tinha coração. E na idade-media! O que eram esses amores senão caprichos? Caprichos da castellã para com o pagem, dos trovadores para com as rainhas da belleza. Nas idades modernas o capricho foi lei soberana em cousas de amor. Recommendo-lhe a leitura de um livro de Stendhal, intitulado: *De l'Amour*.

— Segundo essas theorias está disposto a... amar outra vez.

— Oh! muito mais do que nunca. Viver é amar, e eu quero viver. Mas não julgue v. ex.<sup>a</sup>, que á semelhança do filho prodigo, eu reparta o meu coração para todas as que quizerem acceital-o. Não. O meu coração não se entrega, deixa-se roubar.

— E ha de ser roubado com circumstancias aggravantes. Mas estou-o desconhecendo. Mudado vem da sua viagem. Outros ares respirou.

— Não, minha senhora, engana-se. Sempre assim fui. Sou franco agora. Outr'ora era cameleão... porque cheguei a acreditar na possibilidade de amar.

— De amar ou de ser amado?

— De amar, tão sómente. Ser amado! Que cousa mais facil? Andam os philosophos, desde a antiguidade, a pintar-nos a mulher como uma sphinge, que devora todos os homens, porque ainda nenhum lhe adivinhou o terrivel segredo do coração! O meio de ser amado...

— É não amar. Isso é antiquissimo. Não sei que *meia-azul* (1) de Inglaterra uma dessas mistresses de nariz adunco, e caracões brancos, o disse, fundando-se não sei tambem em que sabio cultor de Osiris. O meio de ser amado... é ser amado.

— Não discuto. V. ex.<sup>a</sup> lê pelo seu coração, provavelmente. Mas que de divagações temos feito! Aonde nos levou a philosophia do amor! Estou á espera da continuação da sua narrativa.

— Aonde ia? Ah! Chegada ao solar, debalde o procurei. Queria prevenil-o.

— De quê? Da vinda do visconde? Mas o que me importava a vinda d'elle? E como sabia v. ex.<sup>a</sup> que eu tinha interesse em ser prevenido?

— Tantas perguntas! Eu, eu julguei que amava Violante.

— Porque?

— Não sei. Era um presentimento. Na primavera da vida e do anno o amor nasce como as flores.

— Na pedra só nasce o musgo. E tanto eu como minha prima eramos de pedra. Por isso o amor não nasceu.

Alfredo disse isto de um modo tão imperturbavel, e ao mesmo tempo tão risonho e natural, que a baroneza, se bem que quizesse mostrar-se convencida, sorriu-se e fez baixar os olhos do seu interlocutor.

— Tem razão. Mas eu não adivinhava isso. Interessava-me a sua sorte.

— E serei tão feliz que esse interesse não acabasse?

— Não precisa d'elle. Quem é tão independente e jura ser amado quando quer...

— Começo a receber o castigo da minha franqueza.

— Pois se as mulheres são esphinges...

— Outro castigo.

— Ouça. É tempo de acabar. O visconde, mal chegou, mostrou tanta franqueza, como a que v. ex.<sup>a</sup> revelou ha pouco. E o caso é que venceu o pleito. Violante amou-o. Revia-se nelle. Não conhecia outro enlevo. Era um idyllio de Theocrito ou de Gessner. Passado pouco casaram, e o mais é que vivem felizes.

— E eu, proseguio Alfredo com a mesma frieza, desejo que essa felicidade jámais acabe e que a vida lhe seja um paraíso na terra.

— Já foi visital-os? perguntou a baroneza fixando de repente Alfredo, e ferindo com o peder do seu olhar limpido e penetrante, como uma folha d' aço, as mais intimas fibras.

— Não, minha senhora, respondeu, conservando o mesmo tom e o mesmo gesto. Nem sabia que estavam em Lisboa.

— Pois venha comigo a S. Carlos, se tem vontade de abraçar o visconde e comprimentar Violante.

— Com todo o prazer. É doce vêr os bons amigos depois de uma ausencia de dois annos.

— Conte-me agora o que fez.

— Isso é facil. Aborrecido de Portugal, andei por toda a Europa a contemplar miserias e esplendores. Gosei a vida. Voguei por esse rio das illusões, á mercê das paixões e dos caprichos. Farto de europeis, estive para me embarcar em demanda do desconhecido. Infelizmente a expedição scientifica, que se tinha organizado, desmembrou-se. Saudades do lar me accometteram. Somos caseiros, nós os portuguezes. E voltei. Desenganado não venho. Conheço o mundo e apraz-me viver nelle, como nós o comprehendemos na nossa Lisboa. E agora que tudo lhe contei em poucas palavras, permitta-me v. ex.<sup>a</sup> lhe beije as mãos.

E Alfredo foi-se, sorrindo alegre e prazenteiro.

(Continúa)

A. OSORIO DE VASCONCELLOS.

É ser ja meio virtuoso o querer sel-o de todo.

SENECA.

(1) Tradução literal de *blue-stocking*. Não sei porque motivo adoptar *bas-bleu*.





Dança arabe

A dança é divertimento pouco estimado pelos orientaes. Aquellas organisações essencialmente preguiçosas e indolentes não podem conceber como a fadiga e o movimento sejam considerados prazer. Fumarem o seu cachimbo, flaccidamente recostados em macias almofadas, tomarem chavenas de café a ferver, e ficarem depois embebidos num scismar indefinido e vaporoso, mollemente acalentados pelas fragrancias das cassolletas de ouro, pelo murmurio da agua caíndo na bacia de marmore dos tanques dos seus pateos, eis o beatifico e supremo goso dos musulmanos. Não sei já que grande personagem ismaelita (creio que o dey d'Alger) estranhava nos nossos bailes que as pessoas ricas e em alta posição se dessem ao incommodo de dançar quando podiam ordenar aos outros que se entregassem a esse exercicio para divertimento dos espectadores.

Além disso a dança, pela sua frivolidade, é considerada completamente impropria do caracter grave e decente dos altos personagens musulmanos, e em geral de todo o sexo masculino. A senhora européa, que se lembrasse de convidar um desses cheiks arabes de formosas barbas negras, de compostura serena e altiva para dançar uma polka, uma walsa ou mesmo uma simples e diplomatica contradança, sujeitava-se, apesar de toda a cortezia oriental, a receber uma resposta pouco lisongeira. As mulheres no seio dos homens empregam-se muitas vezes nesse divertimento e os seus maridos gostam de as ver entregar-se a esse exercicio coréographico, que põe em relevo a elegancia da estatura, a graciosidade dos movimentos, a voluptuosa morbidez das fórm. Porém a dança que seduz essencialmente os orientaes, que os allucina, que os des-

lumbra, e que muitas vezes consegue tambem fascinar os europeus, é a dança das bailadeiras. Esse voltejar primeiro lento, depois vertiginoso e louco, de mulheres bellas e costumadas a sacudirem esfluvios magneticos de lascivia das pregas das suas roupagens, excita os sentidos dos musulmanos, e provoca sempre freneticos applausos.

Mas o homem, como já disse, não desce nunca a tomar parte nesse divertimento incompativel com a sua dignidade. Objectar-me-hão a isso os leitores em primeiro lugar com a famigerada dança dos derviches, descripta por todos os viajantes, e em segundo lugar com a propria scena representada na estampa, que este artigo acompanha.

A dança dos derviches, respondo, não é um divertimento, é uma cerimonia religiosa, é mais do que uma cerimonia religiosa, é uma penitencia, um meio de se entrar no extasi, ou no embrutecimento illuminado de parvas allucinações, que musulmanos e christãos sempre consideraram como o arrebatamento do espirito, a aspiração da alma para Deus. Os nossos antigos monges maceravam-se, cortavam as carnes com as disciplinas, vestiam o cilicio. Os derviches dançam. São diferentes os meios, porém identico o fim.

A scena representada pela nossa gravura é uma scena de saltimbanco. Da mesma fórmula que ha mulheres, bailadeiras mercenarias, cuja dança tem o caracter da voluptuosidade, assim tambem ha homens que se entregam nas praças ao exercicio da dança, e que divertem os espectadores com a agilidade de seus passos. O personagem principal do grupo da estampa é um desses arlequins.



Vão comtudo transformando-se tão completamente os usos dos orientaes, a civilisação européa tem aplainado por tal fórma, com o seu nivel prosaico, os costumes diversos de todos os povos do Oriente e Occidente, que não ousamos assegurar que daqui a alguns annos os turcos e os arabes não estejam completamente reconciliados com a dança. Os embaixadores do sultão já nas capitães europeas franqueam as portas dos seus palacios ao turbilhão das walsas diplomaticas. A polka e a contradança transpøzeram os humbraes do imperio ottomano na bagagem dos zuavos da Criméa. O que admira pois, já que os subditos d'Abdul-Azis adoptaram a casaca occidental, as botas, os candieiros de gaz, e transigiram, até, com o chapéo alto, abandonando o seu poetico turbante para põrem na cabeça o *fez* singelo, o que admira pois que, levando essas condescendencias á ultima extremidade, daqui a pouco sultão, visires, e pachás, com as suas barbas negras, o seu olhar sereno, e a sua compostura grave dêem cabriolas no *cotillon* com as circasianas do Caucaso, e as hebréas da Syria?

M. PINHEIRO CHAGAS.

## AS CORTES PORTUGUEZAS ANTIGAS

Rapida noticia da sua natureza e constituição; e apontamentos de alguns pedidos dos povos

(Vid. pag. 25)

### III

Não é possivel dar á especialidade, em que ora entramos, isto é, a constituição das côrtes antigas, o largó desenvolvimento que lhe deram alguns dos escriptores que citámos no artigo I. — Obrigar-nos-hia um tal empenho a escrever uma volumosa obra: quando aliás o nosso proposito é sómente apresentar alguns traços, que aos curiosos deem uma idéa do que eram as côrtes antigas, e das feições que as distinguem da representação nacional moderna.—Assim, havemos de fazer-nos cargo de algumas indicações principaes, — arredando discussões, que mais propriamente são do dominio dos sabios archeologos.

— Lembra em primeiro lugar inquirir se foi *fixada uma época regular para a celebração das côrtes.*

Nas côrtes de Torres Novas, do anno de 1438 (na menoridade do senhor D. Affonso V.), se determinou que fossem celebradas todos os annos; e com quanto não fosse depois cumprida esta determinação á risca, é certo que no decurso do seculo xv foram celebradas a miudo.

Nas côrtes de 1525 e 1535 (reinado do senhor D. João iii.) determinou-se que fossem convocadas de dez em dez annos. — É a este proposito, é curioso ouvirmos o que nas côrtes de Almeirim, do anno de 1544, disse o orador, D. Sancho: — . . . E porque quando ora S. A. vos mandou chamar para o juramento do Principe seu filho, lembrando-se do que concedeu nas côrtes que teve na cidade d'Evora no anno XXV, que as faria de dez em dez annos; e vendo que o tempo se chegava por haver já nove annos que as celebrou; e querendo por causas urgentes e necessarias, que sobrevieram, anticipar o pouco tempo que faltava,

houve por bem que neste tempo e escolhido ajuntamento se tratasse do bem commum e cousas que muito importam ao serviço de Nosso Senhor e seu. Por tanto vos encommenda e manda que pratiqueis e communiqueis os apontamentos que vos parecerem mais conformes ao bem commum, e proveitosos ao bom regimento, prol e assossego de seus reinos, os quaes com vossa informação S. A. nelleas côrtes assentará e despachará. —

Já antes os povos tinham pedido a reunião annual, ou triennial das côrtes; mas os soberanos haviam posto a clausula: «de não haver impedimento, e de haver necessidade.» — Exemplo ha de se reunirem côrtes duas e tres vezes no anno: *era de 1410* (Porto e Leiria): *era de 1425* (Porto, Coimbra, Braga).

Não houve, pois, tempo fixo para se reunirem as côrtes, embora uma ou outra vez se determinasse um prazo; o facto apresentou sempre irregularidades neste ponto. — Em todo o caso, é glorioso para a memoria do senhor D. João iv o facto de haver determinado que se convocassem côrtes, sempre que fosse necessaria a sua celebração para os interesses publicos. (No seu reinado houve côrtes em 1641, 1642, 1645 e 1646, 1649?, 1653 e 1654).

— As côrtes eram sempre *convocadas* em nome do soberano, com declaração do lugar e tempo da celebração, numero de procuradores e dos poderes que deviam levar; — e ás vezes, com declaração expressa do motivo da convocação.

— Constavam dos *tres Estados, Ordens, ou Bracos*, prelados, nobreza, e procuradores das cidades e villas que por foral ou privilegio tinham assento em côrtes.

Havia 21 cidades, e 71 villas, repartidas por 11 Bancos, que tinham assento em côrtes: total 92. Não entanto, por uma consulta do procurador da corôa, o doutor Thomé Pinheiro da Veiga, consta que ás côrtes de 1642 concorreram 96 procuradores. — Aqui reproduziremos essa consulta, não só porque justifica a ultima asserção, mas tambem porque dá esclarecimentos especiaes: — «Senhor = Ordenou V. M. que com o dr. Sebastião Cesar de Menezes, e o dr. Pero Vieira da Silva, e Antonio Paes Viegas dispozessem as respostas dos capitulos particulares das cidades e villas como dispozem os dos capitulos geraes das côrtes. *E os capitulos de quasi todas as noventa e seis cidades e villas que tem voz e procuradores em côrtes*, e ficaram o anno passado por muitas mãos e juntas e tribunaes, estão juntos e com a occupação do dr. Sebastião Cesar de Menezes ficamos eu e o dr. Pero Vieira da Silva preparando-os para tomar ultima resolução em junta, estando alguns dispostos, outros commettidos á mesa do paço, porque ao dr. Pero Vieira da Silva recreceu a nova occupação da secretaria, e á resolução destas petições e capitulos não convém dilatação, por comprazer aos povos devia V. M. ser servido nomear mais algum ministro com que se fossem, quando um fosse occupado, apurando com os outros. — É seria conveniente, *como se fosse dan-*



do expediente e approvação por V. M. a algumas cabeças das comarcas, darem-se-lhes, para vêrem a mercê que V. M. lhes faz, e que se vão ordenando os mais, para conciliar os animos sobre a muita lealdade e vontade com que estão de offerecer vidas e fazendas. (1.º de outubro de 1642.) —

Vê-se, por este documento, que os pedidos dos povos eram então examinados por uma Junta, de que fazia parte o procurador da corôa; alguns depois do exame da Junta, eram submettidos á approvação do soberano; outros eram mandados a consultar á mesa do desembargo do paço.

Vê-se também a nobre franqueza, com que o respeitavel Thomé Pinheiro da Veiga incitava o soberano, para que desse aviamento á approvação dos pedidos dos povos, em recompensa da lealdade e boa vontade, de que estes davam mostras em uma occasião tão critica,

No que toca ás precedentes noticias cumpre notar que nos referimos unicamente ás *côrtes geraes*, e não ás *especiaes*, isto é, ás celebradas no interesse privativo de uma provincia, almoxarifado, ou cidades e villas do primeiro Banco.

O numero de *procuradores*, que ordinariamente enviava cada concelho, era o de dois; no entanto, ha exemplo de quatro; de dois, com um tabelião; e de um só.

Os procuradores eram sempre as pessoas principaes das terras. tanto em qualidade, como em riqueza: e circumstancia era esta, que o soberano expressamente recommendava na carta de convocação.

Os concelhos corriam com as despesas que os procuradores faziam no desempenho de sua missão.

Os procuradores prestaram *juramento* perante as camaras, do qual se lavrava termo no Livro da Vereação. Por este juramento se obrigavam « a bem e verdadeiramente, e com sã consciencia tratarem, e resolverem nas côrtes todos os negocios que nas mesmas côrtes se propozessem convenientes ao serviço de S. M., e ao bem comum do reino. »

O modo de reconhecer a *legitimidade das procurações*, ou, como hoje dizemos, de proceder á verificação de poderes, consta bem do seguinte decreto, expedido pelo senhor D. João IV, aos 18 de janeiro de 1641: — « Por editaes tenho mandado que os procuradores de côrtes offereçam suas procurações no Desembargo do Paço para se verem e apurarem nelle. Signale-se Ministro, que as reconheça, e approve, e do que resultar desta diligencia se remetta uma relação a Francisco de Lucena com os nomes dos procuradores apurados, para conforme a ella os admittirem a ellas. O que também se fará com as pessoas dos estados da nobreza e ecclesiastico. »

O Desembargo do Paço nomeava o procurador da corôa para effectuar aquelle exame. *NB.* O exame das procurações da nobreza e estado ecclesiastico foi feito em diferentes épocas de diverso modo.

O seguinte documento, também do anno de 1641, relativo ás côrtes celebradas para a ratifica-

ção do juramento do principe D. Theodosio, confirma o processo que fica apontado: — « As procurações, que trouxeram os procuradores dos povos dos lugares, que o eram, foram vistas, e examinadas pelo procurador da Corôa, e approvadas por boas e bastantes. » —

— Parece que ao principio houve razão de *desconfiar da fidelidade e exactidão dos procuradores*; e dahi resultou a pratica de assignar em camara os *capitulos* que aquelles haviam de levar.

Estas propostas, ou pedidos, a que acabamos de dar o nome de *capitulos*, tiveram differentes denominações: nas primeiras côrtes deu-se-lhes o nome de *aggravamentos*; até a era de 1439, de *artigos*; e desde a era de 1444, de *capitulos*.

Estes capitulos eram *geraes*, quando interessavam a todo o reino e eram propostos por todos os procuradores; ou *especiaes*, quando se referiam a uma provincia, ou a um concelho, ou, até, aos mestères e povo de uma terra, separados dos do concelho.

— Se em uma proposição generica pretendessemos designar os *assumptos em que recalia a convocação das côrtes*, no complexo das especialidades de que diversamente se occuparam, poderiamos dizer: as côrtes tratavam de expedições de guerra; de ajustes de paz; de casamentos de principes; de subsidios para as despesas do estado; de imposição de novos tributos, e também, por vezes, do melhoramento da administração da justiça, da agricultura, do commercio, etc.

— As *resoluções* dadas ás representações das tres ordens do estado — reunidas em côrtes — tinham força de lei; e dessas resoluções, ou *geraes*, ou *especiaes*, pediam sempre os concelhos instrumentos authenticos; que aliás, pelo andar dos tempos, diversificaram na fôrma e no theor.

Sucedeu que, em algumas côrtes, desse o soberano, de seu motu proprio e independentemente dos capitulos dos estados, algumas providencias; mandando, até, expedir leis em virtude das resoluções que nessa occasião tomavam.

— Creio que terão os leitores curiosidade de saber quaes eram os *presidentes em cada um dos braços das côrtes* (que trabalhavam em separado).

No estado dos povos servia de presidente o mais graduado procurador de Lisboa, que sempre era um fidalgo; exercendo as funcções que naturalmente quadram a um tal lugar nos tempos de hoje, guardadas as proporções.

No estado ecclesiastico era presidente o prelado mais graduado.

No estado da nobreza fazia as vezes de presidente o secretario que os trinta *definidores* elegiam d'entre si.

— Esta entidade — *definidores* —, que pela primeira vez mencionamos, carece de explicação.

Os diversos braços das côrtes faziam, cada um no seu proprio seio, uma chamada *reducção*, elegendo um pequeno numero de individuos, que houvessem de examinar, discutir e encaminhar os negocios. Esses taes individuos, assim eleitos em cada Braço, eram denominados *definidores*.



Esta pratica era racional, e assentava, até, no bem entendido interesse da nação. Tinha per fim conseguir que as propostas das côrtes fossem tratadas pelas pessoas competentes, e arredar a confusão que naturalmente ha—quando as assembléas são muito numerosas.

Já no seculo xv existia esta pratica; e seguida foi ella até as ultimas côrtes do seculo xvii.—Um documento relativo ás côrtes de 1477 é muito significativo neste particular: — «E estes procuradores todos, assy da Crezeria, como da Cavallaria, e Povos trazião em suas Procurações *poder para substituir outros dantre sy mesmos, e a elles dar todo o seu comprido poder, por que fazem fundamento de se escolherem ellos mesmos antre sy poucos de todos los Estados, os quaes hajão de veer, e determinar todo que for bem, e proveito deste Reyno, etc.*»—

Veamos mais o que succedeu nas côrtes de 1642 e 1668.—Em 1642 mandou o soberano um decreto a cada um dos Braços, para que elegessem *definidores*. Com relação ao Braço dos povos, por exemplo, determinava «que votassem em *definidores* de cada uma das camaras e ouvidorias do reino, os quaes haviam de ficar, *para que sem a confusão de tantos votos se tratassem as propostas das côrtes, e se tomasse geral resolução d'ellas.*» Fóra da redução ficavam os procuradores do 1.º banco, por assim ser costume antigo.

Das côrtes de 1668 existe o assento de eleição dos *definidores* do Braço da nobreza, que offerece esclarecimentos interessantes:—«Havendo-se juntado por mandado de S. A. *na Livraria do Convento de Santo Eloy* todos os fidalgos, que tem voto em côrtes do estado da nobreza, *para se elegerem os trinta definidores que constituem o seu Braço*; e apresentando o secretario Pedro Vieira da Silva um decreto de S. A., em que mandava que elle fosse quem tomasse os votos, assistindo-lhe um dos fidalgos que se achassem presentes. Saio eleito para lhe assistir por mais votos o conde de Santa Cruz, e se procedeu á eleição. Sairam 1 duque, 2 marquezes, 14 condes, e 13 fidalgos não titulares, aos quaes se fez aviso para se juntarem *na Casa Professa de S. Roque*, onde haviam de ser as conferencias, e d'isto lavrou termo o marquez mordomo mór secretario deste Braço.»

Quando acima disse que era racional a pratica da redução dos braços das côrtes, presupuz uma escolha livre e imparcial dos *definidores*, poisque, se uma tal escolha, resultado da eleição, fosse influenciada pelo soberano, por seus ministros, ou pelas parcialidades politicas, perderia a sua influencia benefica, e roubaria ás côrtes o prestigio e a auctoridade.

Nas côrtes de 1668 foi introduzida, se é que nas de 1563 não o estava já, a intervenção de um fidalgo para assistir ao apuramento dos votos para a eleição dos *definidores*, conjunctamente com o secretario de estado; mas esse melhoramento, e ainda outros que se introduzissem, eram pouco effectivos e não poderiam ter grande alcance, visto como as tres ordens do estado trabalhavam em

separado, e não podia o publico ser admittido a assistir ás suas conferencias, nem tinham genero algum de publicidade os seus actos preparatorios, e posteriores debates.

— Falta-nos ainda mencionar algumas miudezas ácerca das côrtes antigas; mas para não cançarmos a attenção dos leitores, reservamol-as para outro artigo.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

## A IDÉA DA HUMANIDADE

Uma idéa que se revêla atravez da historia estendendo de dia para dia o seu salutar imperio; uma idéa que melhor do que outra qualquer prova o facto tantas vezes contestado, mas muitas mais ainda mal comprehendido, da perfectibilidade geral da especie, é a idéa da humanidade. É ella que tende a fazer cair as barreiras que os preconceitos e as vistas interessadas de toda a espécie teem levantado entre os homens, e a fazer encarar a humanidade no seu todo, sem distincção de religião, de nação, de côr, como uma grande familia de irmãos, como um unico corpo, caminhando para um unico e mesmo ponto, o livre desenvolvimento das forças moraes. Este ponto é a meta final, o fim supremo da sociabilidade, e ao mesmo tempo a direcção imposta ao homem por sua propria natureza para o engrandecimento indefinito da sua existencia. Vê a terra tão longe quanto ella se estende, o céu tanto quanto pode descobrir, illuminado de estrellas, como sua intima propriedade, como um duplo campo aberto á sua actividade physica e intellectual. Já a criança aspira a transpor as montanhas e os mares que circunscvem a sua estreita morada; e depois dobrando-se sobre si mesmo, como a planta, suspira pela volta. É isto, effectivamente o pathetico e o bello que existem no homem; essa dupla aspiração para o que deseja e para o que perdeu; e ella que o preserva do perigo de prender-se de um modo exclusivo ao momento presente. E assim, enraizada nas profundezas da natureza humana, dominada ao mesmo tempo pelos seus instinctos mais sublimes, esta união affectuosa e fraterna da especie humana torna-se uma das grandes idéas que presidem á historia da humanidade.

G. DE HUMBOLDT.

## PENSAMENTOS DE SENECA

¿ Quem poderá dizer que foram infructuosos todos os esforços que poz em pratica para dirigir-se ao bem? ¿ Quem não acha a pratica da prudencia cada vez mais facil? Não é porque se torne difficil que nos não decidimos a ensaiar-a; o que a faz difficil é a nossa indecisão.

Quando se quer ser prudente é necessario começar por esforçar a alma para que dê o primeiro passo nessa estrada; feito isto, já não é amarga a medicina: pelo contrario, agrada desde que começa a operar.